“A inclusão tem que estar presente”: Narrativas de pessoas com deficiência sobre a falta de acessibilidade no Lollapalooza (2022)[1]

LACERDA, Igor[2]

Resumo

Este artigo tem o propósito de entender melhor a inclusão (ou a falta dela) de pessoas com deficiência (PCDs) no festival de música Lollapalooza, ocorrido em 2022, considerando a inclusão em sua integralidade (física, funcional, social e comunitária). Com isso, procuramos elucidar o seguinte problema de pesquisa: quais foram as narrativas produzidas por Lorrane Silva (@_Pequenalo), Lorena Eltz (@lorenaeltzz) e Giovanna Massera (@toranja.mecanica) sobre a inclusão em seus aspectos físicos, funcionais, sociais e comunitários no Festival Lollapalooza? Para atingir o objetivo proposto, utilizamos a análise de narrativas como metodologia, recorrendo às diretrizes teórico-metodológicas de Bastos e Biar (2015) e Spink (2010). Enfim, a análise do corpus revelou que por mais que o evento tenha prometido, não foi capaz de proporcionar às pessoas com deficiência a sua inclusão física, funcional, social e comunitária. As três, dentro do evento, experimentaram a falta de mobilidade e autonomia, não sendo capazes de, em menor ou maior grau, assistir à programação, aproveitando com amigos e fazendo novas amizades.

Palavras-chave: Pessoas com deficiência (Pcd); Inclusão; Lollapalooza; Festival de música; Eventos

INTRODUÇÃO

Por muito tempo, as pessoas com deficiência estiveram à margem dos processos de inclusão e cidadania, sendo impedidas de participarem plenamente da sociedade e dos eventos públicos (JESUS; SOUZA, 2022). Na atualidade, o Estado tem procurado transformar essa realidade por intermédio de políticas que visam compensar os grupos sociais anteriormente excluídos, buscando tratamento igualitário e acesso a novas oportunidades tanto em esfera pública quanto privada. Reserva de vagas em empresas privadas e públicas, eliminação de barreiras arquitetônicas em ambientes particulares e compartilhados, adequação dos espaços de trabalho e medidas positivas de educação são exemplos dessas ações afirmativas (ANTUNES; BERTOTTI, 2022).

Especificamente sobre eventos, é necessário que as pessoas com deficiência tenham acesso a programações e ambientes, sejam como clientes ou profissionais. Sendo assim, os responsáveis pelo evento precisam promover e garantir a autonomia e a participação ativa dos

[1] Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT - 2 Consumo, Comunicação e Organizações, atividade integrante do XV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

[2] Doutorando (Bolsista Capes) e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ). E-mail: igorlacerdasa@gmail.com.

DOI: 10.55592/524.2023.4137057

sujeitos que podem compor o público ou a equipe, conforme Remião (2012). Para isso, segundo Remião (2012), os eventos precisam ter as seguintes características: espaço para posicionar cadeiras de rodas e cães-guias; rampas e corrimões para facilitar a circulação dos visitantes com mobilidade reduzida ou usuários de cadeiras de rodas; placas para deficientes auditivos identificarem os seus assentos e banheiros; estacionamento com vagas reservadas; sinalizações horizontais e outras formas de identificações táteis para deficientes visuais; assim como outras ferramentas que garantam a circulação autônoma das pessoas. Além disso, tais características estão em consonância com a Lei nº 10.09, de 19 de dezembro de 2000, que exige a remoção de quaisquer barreiras arquitetônicas, comunicacionais, metodológicas e instrumentais para as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, garantindo, assim, a melhora na qualidade de vida, acesso a espaços e autonomia (BRASIL, 2000).

Considerando isso, o objetivo deste estudo é entender melhor o tema da inclusão de pessoas com deficiência em festivais de música, como o Lollapalooza de 2022, considerando que a inclusão precisa assegurar os níveis físicos, funcionais, sociais e comunitários para ser eficaz (AMARAL, 1995). Em outras palavras, a inclusão efetiva precisa garantir a movimentação autônoma das pessoas, os espaços adaptados as suas necessidades, o contato com outros sujeitos para viver, comemorar e aproveitar as oportunidades, assim como o acesso a movimentos sociais que visam transformar a realidade. Afinal, tais planos de inclusão e acessibilidade, previstos na Lei nº 10.09, de 19 de dezembro de 2000, servem para garantir que as PCDs não estejam à margem da sociedade, incluindo de seus ajuntamentos sociais e culturais. Desta forma, buscamos responder ao seguinte problema de pesquisa: quais foram as narrativas produzidas por Lorrane Silva (@_Pequenalo), Lorena Eltz (@lorenaeltzz) e Giovanna Massera (@toranja.mecanica) a respeito da inclusão efetiva de PCDs no Lollapalooza (2022), um festival de música que se propunha a ser mais acessível, garantindo a inclusão física, funcional, social e comunitária?

Lorrane Silva é de Minas Gerais e tem 26 anos. Apesar de ser formada em psicologia, investiu na carreira de influenciadora digital (KARHAVI, 2017) e ganhou o prêmio Under30 Forbes, que destaca os mais brilhantes criadores de conteúdo brasileiros com menos de 30 anos. Em seu perfil do Instagram, que tem 4,6 milhões de seguidores, produz memes de humor, não falando, necessariamente, sobre a síndrome rara que reduz os movimentos de seus membros inferiores. A influenciadora Lorena Eltz é do Rio Grande do Sul e tem 21 anos. Ela utiliza seu perfil no Instagram (597 mil seguidores) para falar sobre saúde, bem-estar e direitos das pessoas com deficiência (especialmente ostomizadas e com doença de Crohn, que é o caso dela). Já Giovanna Massera, nascida em São Paulo, tem 25 anos, é modelo, fotógrafa e influenciadora.

DOI: 10.55592/524.2023.4137057

Em seu canal no Instagram (15,8 mil seguidores), trata de temas como negritude, sexualidade, direitos de pessoas com deficiência e autoaceitação daqueles que, assim como ela, convivem com o lúpus.

Procuramos responder ao problema de pesquisa por meio da análise de *stories* (vídeos curtos de até 60 segundos que podem ser vistos em até 24h, depois são automaticamente apagados pelo Instagram) e *reels* (vídeos de até 15 minutos que ficam no perfil do Instagram por tempo indeterminado), publicados entre os dias 25 e 27 de março de 2022. Lorrane Silva, durante o evento, postou dois *stories* sobre a falta de acessibilidade e, depois, 13 *stories* sobre a importância da inclusão de pessoas com deficiência em eventos de pequeno, médio e grande porte (SANTOS E SOUZA, 2012). Lorena Eltz postou um *reels* resumindo a situação vexatória a que foi submetida no evento e doze *stories*, logo após o ocorrido, falando sobre seus sentimentos a respeito da ocasião. Giovanna Massera postou apenas um *reels*, fazendo um compilado de vídeos com suas opiniões, imagens do evento e *prints* de conversas com seguidores que passaram por casos parecidos. No total, serão investigados dois *reels* (3’ 38”) e 25 *stories* (3’ 61”) com falas e textos.

Para atingir o objetivo proposto, será utilizada a análise de narrativas. Segundo Bastos e Biar (2015), a narrativa corresponde à ação de contar histórias em contextos cotidianos e em situações supostamente espontâneas. Este, portanto, é um método qualitativo, interpretativo e dialógico, interessado em descrever eventos da vida social e tensionar os sentidos que as pessoas produzem no instante em que os narram. Para as autoras, a análise de narrativas é uma ferramenta que promove diálogo entre múltiplas áreas do saber; investiga as falas dos diversos atores sociais, em diferentes contextos; ressalta o entendimento da narrativa como prática social constitutiva da realidade e destaca, com certos níveis de interação, processos de resistência e reformulação de significações. Como Spink (2010) pensamos a produção de sentidos por meio da narrativa como um processo interativo, afinal não é possível produzir sentidos individualmente. “O sentido é sempre interativo: os enunciados de uma pessoa estão sempre em contato ou são endereçados a uma outra pessoa e esses endereçamentos se interanimam mutuamente” (SPINK, 2010, p. 35).

A importância da inclusão efetiva das pessoas com deficiência em festivais de música

Depois de dois anos sem nenhuma edição, devido à pandemia de Covid-19[3], o Lollapalooza, produzido pela *Time For Fun*, ocorreu entre 25 e 27 de março de 2022 no

[3] https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia

DOI: 10.55592/524.2023.4137057

Autódromo de Interlagos, em São Paulo. Sobre valores de ingressos, que davam acesso à programação dos quatro dias, variou entre R$ 900 e R$ 3.700. Nessa edição específica, o festival de música, que contou com a apresentação de artistas nacionais e internacionais, afirmou que a acessibilidade faria parte do evento. Supostamente, foram criados serviços como: acesso diferenciado para pessoas com deficiência; áreas mais elevadas para garantir a visualização dos palcos; carrinhos de golfe destinados à circulação desse grupo dos portões até os palcos; intérpretes de libras em plataformas mais elevadas, na frente dos palcos; além de aparelhos de audiodescrição.

Segundo Amaral (1995), as pessoas com deficiência existem dentro da sociedade, por isso suas necessidades e vivências não devem ser ignoradas no planejamento de eventos como o Lollapalooza. Para esse autor, a deficiência é caracterizada por três motivos que a fazem desviar de uma suposta norma: anatômico-funcional, se referindo à forma e à função exercida pelo sujeito; estatístico, pois tem ligação com a média de uma população no geral; modelo ideal, remetendo a uma comparação, feita a nível social, baseada em uma visão capacitista (PEREIRA, 2008), que definem corpos ideias, desconsiderando suas capacidades e limitações reais. Em muitas situações, mesmo as pessoas sem deficiência, podem não atingir esse "modelo ideal" cobrado pela sociedade (LUCENA, SEIXAS E FERREIRA, 2020). Sendo assim, em teoria, os planos do festival de música tinham o intuito de respeitar as especificidades e as possíveis limitações desses grupos, garantindo serviços essenciais ao acesso e ao desfrute da programação em sua plenitude.

Em 2010, no último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística[4], aproximadamente 46 milhões de brasileiros, cerca de 24% da população, afirmaram ter algum grau de deficiência visual, auditiva, motora e mental ou intelectual. Ou seja, uma parte considerável da população brasileira apresenta dificuldades para enxergar (3,4%), se movimentar (2,3%), ouvir (1,1%) e adquirir conhecimentos formais (1,4%). Especificamente em São Paulo, onde acontece o festival anualmente, três milhões de pessoas (7,3% da população estadual) têm algum tipo de deficiência, é o que revela a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo[5]. Desse número total, existem pessoas com deficiência visual (40%), motora (28,79%), mental ou intelectual (16,72%) e auditiva (14,49%).

Ainda de acordo com Amaral (1995), as pessoas com deficiência, enquanto cidadãs, têm o direito de inclusão ao meio social e, principalmente, às áreas correspondentes ao Lolla, como cultura, lazer e trabalho. Desta forma, para ele, a inclusão (não só em eventos de música, mas

[4] https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html
[5] https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=425145

DOI: 10.55592/524.2023.4137057

em todos os espaços da sociedade) precisa passar por quatro níveis para ser de fato efetiva: físico, funcional, social e comunitário. Dito de outra forma, os espaços precisam ser adaptados a fim de garantir a acessibilidade e a mobilidade das pessoas com deficiência, excluindo barreiras tanto físicas quanto ambientais (inclusão física); os sujeitos com deficiência necessitam de ambientes funcionais, pensados para eles, para realizarem suas atividades básicas de forma autônoma (inclusão funcional); os locais onde a vida social é compartilhada – incluindo os eventos – precisam ser planejados para garantir o acesso, a mobilidade e a autonomia da pessoa com deficiência, evitando, assim, que ela seja excluída do convívio com o outro (inclusão social); ainda, deve ser possibilitada a participação ativa em movimentos sociais, garantindo a contribuição de cidadãos com deficiência no desenvolvimento integral dos seres humanos e dos grupos sociais (inclusão comunitária).

Conforme Faria e Motta (2012), em 1970, quando os mercados de cultura, lazer e turismo começaram a pensar na inclusão de PCDs em suas programações – inclusive criando agências de viagens exclusivas para esse grupo – os consumidores em potencial já apontavam falhas na inclusão física, funcional, social e comunitária. Sassaki (2003), explorando melhor esses problemas, aponta que os produtores não conseguiam estabelecer uma boa comunicação com os clientes; os funcionários não sabiam solucionar ou menosprezavam as falhas apontadas pelos consumidores; e os idealizadores desconsideravam as barreiras presentes nos espaços alocados para os eventos e as viagens. Faltavam atendentes com domínio da Língua Brasileira de Sinais, rampas, elevadores e carros elétricos, bem como espaços adaptados às necessidades dos usuários. Em decorrência de todas essas falhas, muitos PCDs não frequentavam eventos sociais com amigos e familiares, nem participavam de grupos comunitários, restringindo suas vidas aos ambientes domésticos.

A falta de inclusão não estava restrita aos anos de 1970, pelo contrário, ela ainda se apresenta em eventos dos dias atuais, como ocorreu no Lollapalooza. Por exemplo, o festival não garantiu a inclusão física porque Lorrane Silva encontrou dificuldades em acessar espaços com sua cadeira motorizada, Giovanna Massera e Lorena Eltz precisaram percorrer longas distâncias, mesmo com dificuldades, pois os carrinhos de golfe não estavam funcionando, gerando, assim, a dor da primeira e o estouro da bolsa de colostomia da segunda. As três não contaram com a inclusão funcional visto que os espaços não estavam adaptados as suas necessidades. Massera e Eltz não foram aos outros dias do evento, mesmo tendo essa possibilidade, perdendo a oportunidade de experienciar novos momentos e aproveitar a festa com os amigos, mostrando, com isso, a falta de inclusão social. Lorrane Silva, diferente das outras, mesmo com os problemas de acessibilidade, compareceu aos dois primeiros dias do

DOI: 10.55592/524.2023.4137057

evento devido aos seus compromissos profissionais – experimentando, mesmo que de forma limitada, o convívio social e a programação. Ainda, é necessário considerar que Silva é mais famosa e, por isso, estava em ambientes privilegiados do evento, isso facilitou seu acesso a festas e shows. Em relação a inclusão comunitária, embora ela esteja ligada ao ingresso de pessoas com deficiência a movimentos sociais, percebemos que, graças às redes sociais (TABARKIEWCZ, 2022), as três contribuíram com grupos de PCDs ao cobrarem por direitos básicos como acesso, autonomia e respeito em festivais de música.

O Lollapalooza não demorou a se pronunciar sobre esses e outros casos de negligência às pessoas com deficiência, mas transmitiu a seguinte nota pronta, sem autocrítica ou pedido de desculpa, escrita por sua assessoria de imprensa ao blog Tangerina do canal UOL[6]:

> "O Lollapalooza Brasil tem como compromisso realizar um evento inclusivo, em que todos são bem-vindos. A cada ano, o festival aprimora a sua estrutura e pensa em melhorias para que todos tenham uma boa experiência dentro do Autódromo de Interlagos. Neste ano, o LollaBR teve acesso em portão dedicado para pessoas com deficiência, carrinhos de golfe para levar até a área do festival, plataformas elevadas para assistir aos shows e equipamentos motorizados para facilitar a locomoção pelo espaço, assim como profissionais intérpretes de LIBRAS e aparelhos de audiodescrição. Todos os serviços serão avaliados e aperfeiçoados para as próximas edições"

O planejamento é um fator essencial para o desenvolvimento de qualquer atividade, incluindo os eventos. Ele possibilita a racionalização dos serviços, os gerenciamentos dos recursos disponíveis e a possibilidade de implantação (ou não) do projeto, explica Freiberger (2010). Pode se dizer que o planejamento é uma fase decisiva, onde é possível incluir as seguintes etapas: coordenação executiva, controle financeiro, administração técnico-administrativo e social do evento. Na fase de planejamento, a reflexão sobre o ambiente físico é imprescindível. Afinal, os planejadores devem prever todas as possíveis falhas para, caso ocorram no evento em si, a equipe esteja apta a solucioná-las rapidamente, pois o espaço precisa sempre comportar confortavelmente todos os convidados (FREIBERGER, 2010).

Para Canton (1997, p. 19), o planejamento está presente na própria definição de evento, que "é a soma de ações previamente planejadas com o objetivo de alcançar resultados definidos junto ao seu público". Para o autor, o planejamento é indispensável uma vez que leva em consideração um fato ou um acontecimento, as estratégias mercadológicas, as expectativas do cliente e do promotor em relação a programação e o objetivo mercadológico contido na realização desse trabalho. "O evento, pelo próprio significado da palavra, é todo fato ou

[6] https://tangerina.uol.com.br/musica/pcd-lollapalooza-2022-acessibilidade/

DOI: 10.55592/524.2023.4137057

conhecimento, espontâneo ou organizado, que ocorre na sociedade; e do ponto de vista profissional, pressupõe planejamento e organização", reforça Canton (1997, p. 19).

Sendo assim, é possível considerar que o Lollapalooza falhou em seu planejamento por não refletir sobre a incapacidade do Autódromo de Interlagos em receber pessoas com deficiência, nem considerar os possíveis problemas com banheiros acessíveis e prioritários para PCDs, elevadores, carros de golfe e cadeiras motorizadas para a circulação autônoma nos ambientes do evento. Depois dos erros de planejamento, errou em emitir uma nota desprovida de autocrítica e pedidos de desculpas, dando a impressão de um texto pronto e sem conexão com as pessoas prejudicadas. Genú (2007) conta que durante uma gestão de crise, um momento capaz de abalar a reputação da organização, as notas oficiais precisam dar uma satisfação de seus erros tanto à sociedade quanto à imprensa, expondo análises sobre o caso e ações de reparação ao problema provocado. É indispensável, portanto, que o texto contenha um pensamento genuíno, crítico e empático com aqueles que foram afetados por suas falhas.

Acessibilidade no #LollaBr? As narrativas das pessoas com deficiência

Como este artigo utiliza a análise de narrativas como metodologia, todas as interpretações partem do corpus, composto por stories e reels produzidos por Lorrane Silva, Lorena Eltz e Giovanna Massera. No decorrer da análise, foram apresentadas notícias em notas de rodapé, mas elas não foram examinadas, servindo apenas para o aprofundamento das histórias das três influenciadoras A análise de narrativas é um método qualitativo, hermenêutico e dialógico, então, por meio de fontes externas, busco possibilitar que o leitor tenha acesso à história completa (não ficando restrito ao recorte metodológico deste estudo) e produza seus próprios sentidos sobre os acontecimentos descritos aqui.

No primeiro dia do evento, em 25/03/22, Lorrane Silva[7] teve dificuldades em se locomover com seu triciclo motorizado pelos espaços do Lollapalooza, revelando a falta de inclusão física e funcional em seus *stories*. Ela estava lá como consumidora, já que tinha a intenção de aproveitar os shows, em sua primeira vez no evento, e como comentarista do canal Multishow, onde participou de *lives* sobre música, cultura e entretenimento. Além disso, Silva encontrou dificuldade para subir no palco de música eletrônica, chamado de *Perry's by Doritos*, por não possuir rampas nem elevadores (estavam quebrados). Alguns seguranças impediram

[7] https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2022/03/pequena-lo-fala-sobre-acessibilidade-em-lollapalooza-inclusao-tem-que-estar-presente.html

DOI: 10.55592/524.2023.4137057

sua subida, mesmo pela escada. Porém, como pode ser visto na Figura 1, um homem, que não a conhecia e não trabalhava no festival, resolveu ajudar: a pegou no colo e subiu os degraus.

Figura 1 – Lorrane Silva sendo carregada por um desconhecido no Lollapalooza



Fonte: Publicações retiradas do perfil de @_Pequenalo no Instagram em 20/12/2022.

No dia seguinte, ela postou alguns stories sobre a falta de acessibilidade para pessoas com deficiência no Lollapalooza. Disse que a inclusão deve estar presente em todos os eventos, sejam pequenos, médios ou grandes, a fim de garantir a participação efetiva, confortável e autônoma das pessoas com deficiência: “a gente paga o mesmo valor que todas as pessoas pagam para aproveitar o evento, e a gente não é incluído, entendeu?”. Ainda, buscando reforçar a importância da inclusão física e funcional, Lorrane falou: “Eu acho que o mínimo a ser feito é incluir a gente também para a gente ter uma independência e poder aproveitar como todas as pessoas que estão ali que não são pessoas com deficiência”.

Lorrane Silva propôs a discussão em seu perfil no Instagram para ajudar a outros produtores de eventos na implantação de planos mais efetivos para a inclusão de consumidores com deficiência. Ela reforçou: “espero que eu possa ajudar, falando aqui nos stories sobre isso [...] não só para o Lollapalooza, mas para todos os eventos com grandes nomes, não só os eventos com grandes nomes, pode ser um evento pequeno, mas a inclusão tem que ter”.

DOI: 10.55592/524.2023.4137057

Figura 2 – Lorrane Silva falando sobre inclusão em grandes e pequenos eventos



Fonte: Publicações retiradas do perfil de @_Pequenalo no Instagram em 20/12/2022.

Na narrativa construída em seu perfil no Instagram, Lorrane contou que nem todos os espaços do festival estavam preparados para recebê-la. Somente os locais reservados pela Multishow, empresa que a contratou, tinham rampas, elevadores, banheiros adaptados e profissionais qualificados para atendê-la: “do Multishow eu não tenho nada a reclamar, eu estou trabalhando com eles no Lolla, então acessibilidade do início ao fim do estande, elevador especialmente para eu descer, subir e ficar com a minha independência ali para poder andar onde eu quiser”.

Mesmo tendo dificuldades para subir em um palco, Lorrane, por estar em ambientes privilegiados do evento, conseguiu aproveitar o festival por dois dias e fazer valer seu direito à inclusão social (como pode ser visto na Figura 3). Comparando com as outras duas influenciadoras, mesmo ela encontrando dificuldades em transitar pelo Lolla, teve acesso à inclusão social. Ela conseguiu ir a todos os dias de trabalho e de festas, por exemplo, o que não aconteceu com a Lorena e a Gabriela. Enquanto a primeira preferiu assistir à programação em seu quarto de hotel com a mãe, a segunda optou por ficar em casa, assistindo aos shows apenas com familiares. Isso revela que a falta de inclusão física e funcional ocasionam na exclusão social.

DOI: 10.55592/524.2023.4137057

Figura 3 – Lorrane Silva com amigos no Lollapalooza



Fonte: Publicações retiradas do perfil de @_Pequenalo no Instagram em 20/12/2022.

Lorena Eltz foi convidada pela Chevrolet para participar dos três dias de shows, mas só compareceu ao primeiro (25/03/22) devido a falta de inclusão física e funcional[8], como explicou em uma sequência de *stories*. Ela tem Crohn, uma doença que causa inflamações no aparelho digestivo, e, por isso, carrega uma bolsa de colostomia, responsável por coletar suas fezes. A bolsa estourou durante os momentos iniciais do evento, depois de andar, em solo íngreme e desnivelado, por aproximadamente 20 minutos até os banheiros. Chegando no local, não encontrou filas preferenciais para pessoas com deficiência. Os banheiros adaptados para PCDs até existiam, mas eram utilizados por todos e os seguranças responsáveis pela área não impediam a entrada de pessoas sem deficiência. Em um *reels* postado no seu perfil do Instagram, ela contou: "claro que o evento não é responsável pela minha bolsa ter vazado, mas eu queria ter encontrado mais banheiros, inclusive para gravar um conteúdo sobre banheiros em festival de música para pessoas com deficiência ou ostomizadas".

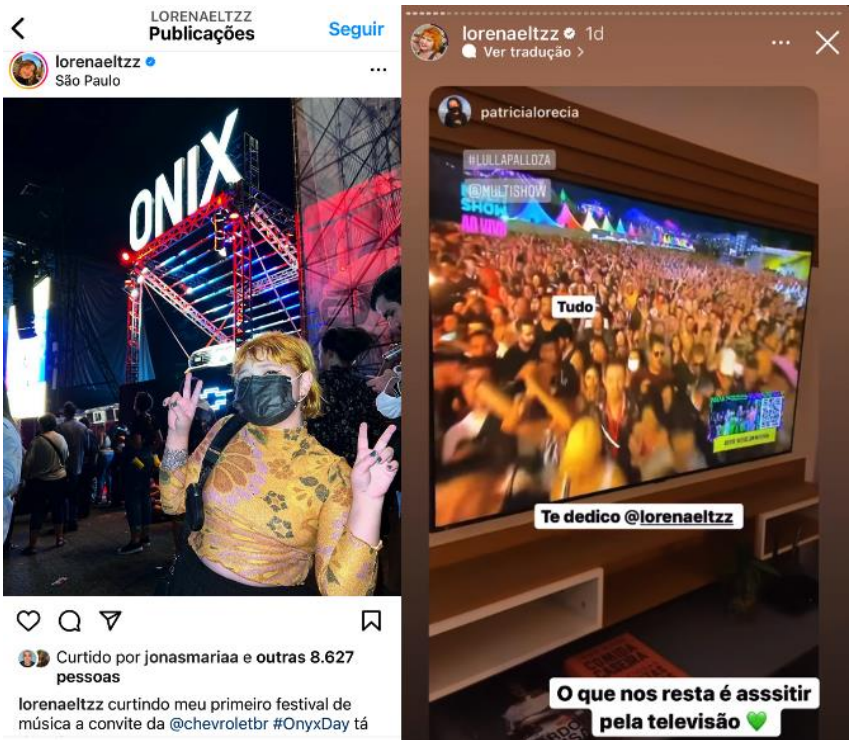
Eltz explicou que, no geral, tem medo de ir a grandes eventos porque não sabe o que pode ocorrer neles e se vão ser acessíveis ou não a pessoas como ela: "é triste pensar que a gente que tem uma doença ou uma deficiência acaba não indo nesse tipo de evento por medo

[8] https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/03/influenciadora-digital-convidada-pelo-lollapalooza-aponta-problemas-de-acessibilidade.shtml

DOI: 10.55592/524.2023.4137057

do que pode acontecer lá". Pela falta de acesso a banheiros, ela experimentou exclusão social, pois preferiu voltar ao hotel onde estava hospedada para assistir aos últimos shows do festival com Patrícia Carvalho, sua mãe. Inclusive, ela repostou um story da mãe, no quarto do hotel em que estavam hospedadas, dizendo: "o que resta é assistir pela televisão". Isso mostra que, por causa de sua doença, não pôde assistir suas apresentações preferidas, nem se divertir com amigos ou fazer novas amizades.

Figura 4 – Lorena Eltz em no palco Onix e no seu quarto de hotel



Fonte: Publicações retiradas do perfil de @lorenaeltzz no Instagram em 20/12/2022.

Depois de vivenciar cenas humilhantes, que poderiam ter sido evitadas se os espaços do Lolla fossem realmente acessíveis, teve crises de ansiedade, foi parar no hospital e falou: "o pior é ver os stories e fotos de todo mundo lá no @lollapaloozabr e eu ver que a realidade não é aquela". Ainda, lembrou: "para quem é mega famoso e tem camarote beleza, parece maravilhoso mesmo. Mas para quem vai na expectativa acaba se decepcionando com a falta de cuidado das pessoas lá dentro". Como disse acima, Lorrane Silva compareceu aos três dias de festival porque estava nos espaços mais caros do evento e, mesmo assim, teve dificuldades para se locomover em alguns palcos.

DOI: 10.55592/524.2023.4137057

Figura 5 – Lorena Eltz em seu quarto de hotel, em São Paulo



Fonte: Publicações retiradas do perfil de @lorenaeltzz no Instagram em 20/12/2022.

Giovanna Massera tem lúpus e utiliza uma bengala para se locomover, não podendo andar por longas distâncias (assim como Eltz)[9]. Seus problemas (falta de inclusão física e funcional) começaram assim que chegou no evento, também em 25/03/22: devido a carência de informações dos profissionais do evento, precisou andar por muito tempo até encontrar as cadeiras motorizadas e os carrinhos de golfe: “para quem não sabe, eu sou PCD e, durante o evento, estava me locomovendo de bengala. Era para ter uma experiência para PCD durante o evento, era para ter uma acessibilidade, mas ela não estava funcionando como devia”. Sobre os problemas enfrentados, ela contou: “não sabia orientar a gente de que lugar acessar as cadeiras motorizadas. As cadeiras só estavam em um local, em um posto, então se você desceu na entrada da Adidas, você tinha que andar todo o autódromo”.

[9] https://odia.ig.com.br/diversao/celebridades/2022/03/6367414-influenciadoras-com-deficiencia-comentam-da-falta-de-acessibilidade-no-lollapalooza.html

DOI: 10.55592/524.2023.4137057

Figura 6 – Giovanna Massera no Lolla



Fonte: Publicações retiradas do perfil de @toranja.mecanica no Instagram em 20/12/2022.

Ainda, a respeito da acessibilidade aos espaços com autonomia, ela esclareceu que, por causa da falta de solo adequado, as cadeiras atolavam, não sendo possível assistir a alguns shows: “se você quisesse assistir a algum show no palco da Adidas ou no palco da Ônix, você teria que pegar gramado, mesmo com a cadeira, então a lama atolou. O gramado era íngreme, então quase capotei com a cadeira”. Mais especificamente sobre o sistema de segurança e acolhimento em caso de dificuldades, feito em especial pelo Corpo de Bombeiros, ela explicou: “Não tinha bombeiro o suficiente para acompanhar todo mundo que precisava no gramado, então as próprias pessoas que estavam curtindo o festival me ajudaram, eu saí machucada, pessoas que estavam andando saíram machucadas”.

No final do vídeo, depois de contar seu relato sobre a falta de acessibilidade no Lollapalooza, ela confessou: “foi muito triste porque eles pregaram tanto a inclusão, que teria uma experiência para pessoas com deficiência e, no final, não deu certo. A gente foi humilhado”. Tinha sido sua primeira vez no festival de música, mas, por causa da falta de inclusão social, ela só conseguiu assistir a um show. Deixando, assim, de frequentar o evento em sua integralidade, se divertir com amigos e familiares, e conhecer novas pessoas durante a programação. Ainda, ela espera que esses problemas sejam resolvidos em outras edições para que pessoas com deficiência não tenham que passar pelas mesmas humilhações, que geraram

DOI: 10.55592/524.2023.4137057

tristeza profunda e crises de ansiedade: “espero que os problemas sejam resolvidos porque a gente (PCDs) quer se divertir também, a gente também é fã e acessa esse tipo de festival, a gente também tem um artista preferido”.

Embora não tenha ocorrido a falta de integração comunitária, visto que ela se refere a possibilidade de pessoas com deficiência participarem de movimentos sociais, é possível dizer que as três influenciadoras amplificaram, por meio de seus perfis no Instagram, as pautas de movimentos sociais que lutam pelos direitos das PCDs. Tabarkiewcz (2022) esclarece que as redes sociais, como o Instagram, ajudam a transmitir conhecimentos sobre a luta por direitos das pessoas com deficiência a um público que tem acesso a rede e está interessado nesse assunto. Conforme Souza e Siqueira (2017, p. 112),

> Tendo como reflexão de fundo as concepções de cidadania e acessibilidade, reconhece nas redes sociais importantes esferas de apresentação dos indivíduos e grupos de pessoas com deficiência que, tal como ocorre com os demais grupos e indivíduos da sociedade informacional, têm buscado cada vez mais esses ambientes virtuais, via smartphones e computadores, para interagir, conviver, mas sobretudo para se tornarem visíveis numa sociedade ainda excludente

Por mais que o Lollapalooza tenha prometido uma experiência inclusiva para as pessoas com deficiência, os serviços não funcionaram devido ao despreparo da produção e da precariedade de aparelhos como carrinho de golfe e cadeira motorizada. Essas três influenciadoras, pelas falhas no planejamento do evento, não puderam experimentar a inclusão física, funcional e social. Por outro lado, graças a internet, puderam expor suas demandas e lutas por mais inclusão não só em eventos, mas em todos os espaços da sociedade.

Considerações finais

Neste trabalho, consideramos que a inclusão de pessoas com deficiência em eventos de pequeno, médio e grande porte precisa ser efetiva e integral. Ou seja, eles devem garantir, em espaços e programações, a movimentação autônoma desse grupo, a adaptação dos ambientes às necessidades, o contato social com outros sujeitos e o acesso ao lazer e ao trabalho de forma digna. Sejam como consumidores ou trabalhadores, as pessoas com deficiência necessitam da inclusão física, funcional, social e comunitária.

A versão do Lollapalooza, ocorrida em 2022, prometeu uma experiencia inclusiva para pessoas com deficiência pela criação de serviços como: entradas diferenciadas, carrinhos de golfe para facilitar a locomoção, espaços exclusivos e mais altos para assistir aos shows, cadeiras de rodas motorizadas, aparelhos para facilitar a comunicação com sujeitos com

DOI: 10.55592/524.2023.4137057

deficiência visual, além de profissionais especializados em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). No entanto, segundo o relato de influenciadoras digitais com deficiência (Lorrane Silva, Lorena Eltz e Giovanna Massera), esses serviços não estavam funcionando corretamente.

Pela análise das narrativas postadas por Lorrane Silva, Lorena Eltz e Giovanna Massera no Instagram, influenciadoras que se propõem ou não a falar constantemente sobre os direitos de PCDs em seus perfis, identificamos que a inclusão efetiva não ocorreu no Lollapalooza de 2022. Elas encontraram, logo no primeiro dia do festival de música, barreiras físicas, funcionais e sociais. Por exemplo, Silva precisou ser carregada por um desconhecido para ter acesso a um dos palcos, pois os elevadores estavam quebrados; Eltz não encontrou banheiros adaptados às necessidades de pessoas com deficiência, nem filas preferenciais, ocasionando no estouro de sua bolsa de colostomia; já Massera encontrou dificuldades para se locomover no solo íngreme e desnivelado do Autódromo de Interlagos, passando por situações como cadeiras atoladas na lama, falta de acesso a shows e dores constantes pelo alto esforço. Em decorrência desses problemas, todas, em maior ou menor grau, foram impedidas de festejar com amigos e familiares durante o evento. Embora a inclusão comunitária não se encaixe totalmente nos casos estudados aqui, podemos entender que as redes sociais possibilitaram a divulgação das narrativas das três, que estão em consonância com movimentos sociais que lutam pelos direitos de PCDs.

Enfim, por meio da investigação do corpus, concluímos que o Lollapalooza falhou no planejamento do evento, pois não considerou a incapacidade do local em receber pessoas com deficiência. Também não soube agir para solucionar as demandas desse grupo, demorando a propor soluções para banheiros, elevadores, carros e cadeiras motorizadas com defeito. Além das falhas no evento em si, não soube manter uma comunicação empática com as pessoas afetadas pelo seu serviço ruim: divulgou uma nota genérica, sem autocritica ou pedido de desculpas, que não foi capaz de gerar uma conexão com as prejudicadas. Desconsiderou, nesse caso, que as notas da assessoria de imprensa precisam dar uma satisfação tanto à sociedade quanto à imprensa, expondo suas análises sobre as situações denunciadas e planos futuros para que não voltem a ocorrer. Faltou conexão com o público, um pensamento crítico, genuíno e empático.

Referências

AMARAL, Lígia. **Conhecendo a deficiência: em companhia de Hércules**. São Paulo: Probel, 1995.

DOI: 10.55592/524.2023.4137057

ANTUNES, Camila; BERTOTTI, Bárbara. Licitações inclusivas: uma análise da (des)proteção às pessoas com deficiência. **Revista Jurídica Luso-Brasileira**, Lisboa – Portugal, v. 08, n. 04, p. 713-738, jan., 2022.

BASTOS, Liliana; BIAR, Liana. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **Revista DELTA**, São Paulo, v. 31, n. 01, p. 97-126, ago., 2015.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Dispõe sobre normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm>. Acesso em: 18 out. 2022.

CANTON, Marisa. Evento: da proposta ao planejamento. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 08, n. 01, p. 19-30, jan., 1997.

FARIA, Marina; MOTTA, Paulo. Pessoas com deficiência visual: barreiras para o lazer turístico. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 23, n. 03, p. 691-717, dez., 2012.

FREIBERGER, Zélia. **Organização e planejamento de eventos**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

GENÚ, Cristine. **Gerenciamento de crise: a ação da assessoria de imprensa do superior tribunal de justiça (STJ)**. 2007. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização em Assessoria em Comunicação Pública) – Centro de Educação Superior de Brasília, Instituto de Educação Superior de Brasília. Brasília, p. 12-47.

JESUS, Matheus; SOUZA, Sueli. Percepções contemporâneas sobre a inclusão educacional da pessoa com deficiência. Contemporânea - **Revista de Ética e Filosofia Política**, São José dos Pinhais – PR, v. 02, n. 01, p. 439-456, jan./fev., 2022.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Revista Communicare**, São Paulo, v. 17, n. 01, p. 47-61, jan., 2017.

LUCENA, Bianca; SEIXAS, Cristiane; FERREIRA, Francisco. Ninguém é tão perfeito que não precise ser editado: fetiche e busca do corpo ideal. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 31, n. 01, p. 01-09, jan. 2020.

PEREIRA, Ana. **Viagem ao interior da sombra: deficiência, doença crônica e invisibilidade numa sociedade capacitista**. 2008. 256 f. Dissertação (Programa de Mestrado e Doutoramento "Pós-colonialismo e Cidadania Global") – Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Portugal, 2008.

REMIÃO, Josiane. **Acessibilidade em ambientes escolares: dificuldades dos cadeirantes**. Trabalho de Conclusão de Curso (Departamento de Engenharia Civil) – Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, p. 14-109.

SANTOS, Rodrigo; SOUZA, Norma. Eventos esportivos e turismo: definição de mercado e perspectivas de atuação. **Revista Científica Eletrônica de Turismo**. Garça – SP, v. 09, n. 16, p. 01-08, jan., 2012.

SASSAKI, Romeu. **Inclusão e no lazer e turismo: em busca da qualidade de vida**. São Paulo: Áurea, 2003.

SOUZA, Joana; SIQUEIRA, Jonara. Redes sociais: tecnologias assistivas para a inclusão e a cidadania. **Revista Periferia: comunicação, cultura e comunicação**. Rio de Janeiro, v. 09, n. 01, jan.-jun., 2017.

SPINK, Mary. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

DOI: 10.55592/524.2023.4137057

TABARKIEWCZ, Karen. **Implicações do Rol Taxativo para a Comunidade PCD: um estudo sobre comunicação e ativismo digital na Mobilização Nacional Contra o Rol Taxativo (#RolTaxativoMata)**. 2022. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Relações Públicas) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

DOI: 10.55592/524.2023.4137057